

CLIMATOLOGIA E PERCEPÇÃO AMBIENTAL: UM OLHAR PARA A REGIÃO URBANA PROSA NA CIDADE DE CAMPO GRANDE-MS

Anunciação, Vicentina Socorro da ^{1(*)}; Araújo, Ana Paula Correia de ¹; Neto, João Lima Sant'Anna ²

1 - UFMS/CPAQ | () Brazil 2 - UNESP/FCT*

Introdução

O perímetro urbano de Campo Grande, segundo a Carta de Drenagem de Campo Grande (PMCG, 2002), a rede hidrográfica é constituída por dez micro-bacias (Bandeira, Prosa, Anhanduí, Lageado, Gameleira, Bálsamo, Imbirussú, Coqueiro, Segredo e Lagoa) que apresentam bastante degradadas, com processos de assoreamentos, solapamentos, insuficiência no sistema de captação de águas pluviais, contaminação por efluentes domésticos, sendo que a micro-bacia do Prosa tem apresentado, entre outras, um alto índice de criticidade.

Segundo PLANURB (1998), todas as dez micro-bacias já demonstram os efeitos das alterações antrópicas na maior parte das suas áreas, sendo que as características de efeito e intensidade de ocorrência de algum fenômeno passível de observação, podem ser atribuídas de acordo com o tempo e o processo de ocupação.

No entanto, a partir do crescimento horizontal rápido e desordenado desencadeado sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, onde o poder público não conseguiu acompanhar com infra-estruturas necessárias às novas demandas, a rede hidrográfica urbana que atravessa a cidade no sentido nordeste/sudeste, começou a apresentar um sistema deficitário de drenagem de córregos e canais. Apesar de 60% das áreas pavimentadas serem atendidas por galerias são insuficientes as obras de capacitação e de boca de lobo (SANTOS, 2000).

Características físicas e ambientais da área

Referindo-se especificamente a micro-bacia do Prosa, está localizada a Noroeste da Região Urbana (Prosa) do Município de Campo Grande e possui uma área de 32,43Km². Seu principal curso d'água, o Prosa que deu nome a Região Urbana, tem como seus afluentes o Córrego Sóter e o Córrego Vendas (figura 1).

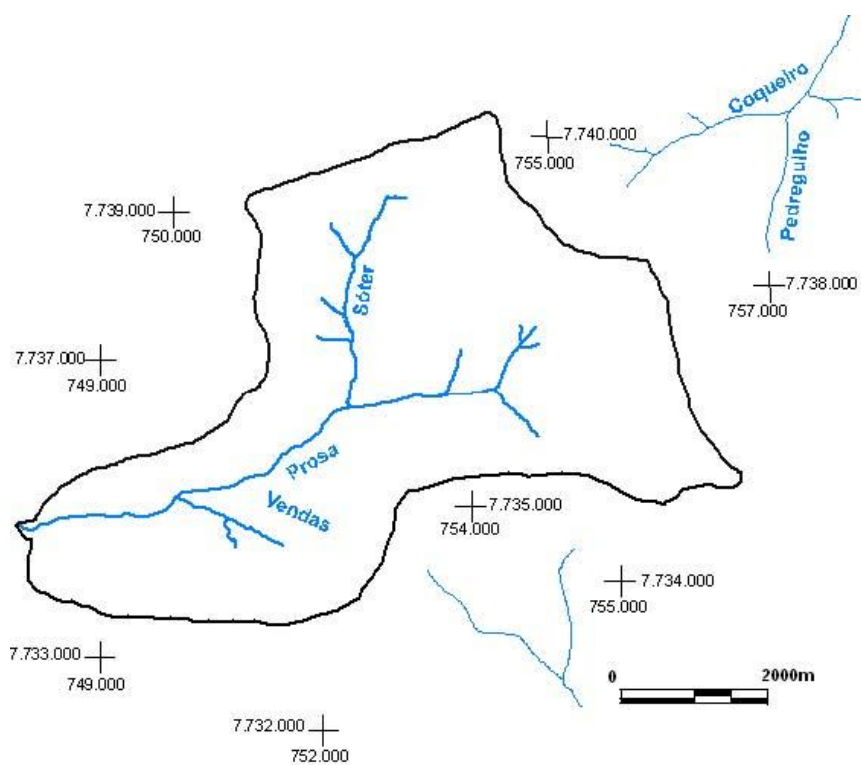


Figura: 1- Principais cursos d'água da micro-bacia do Prosa

Fonte: PLAURB, 1998

Organização e Adaptação: Anunciação, 2008

A Região Urbana Prosa é marcada pela presença de várias nascentes que formam três córregos principais: Sóter, Vendas e Prosa. Este último que dá o nome à região, foi importante para o início da ocupação da cidade (PLANURB, 1998).

Na parte leste da Região encontra-se o Córrego Coqueiro, com nascentes próximas ao Jardim Montevideu e ao Jardim Cabral. O Córrego Sóter apresenta

sua nascente, nas proximidades dos Bairros Jardim Marabá, Vila Catarina e Bairro Carandá Bosque II e o Córrego Prosa nasce próximo ao Parque dos Poderes, recebendo na altura do Parque das Nações Indígenas as águas dos Córregos Revellieu e Sóter. Todos esses Córregos, segundo a Carta de Drenagem de Campo Grande, pertencem a microbacia do Prosa e estão sujeitos a alagamentos e enchentes em vários pontos (PLANURB, 1998).

Esta Região Urbana, é uma das sete Regiões Urbanas do Município de Campo Grande criadas pelo Plano Diretor de Campo Grande, Lei Complementar nº 5, de 22 de novembro de 1995 (MATO GROSSO DO SUL, 1995), possui uma área de 5.463,85ha e tem como limites as Regiões Urbanas do Segredo, do Centro e do Bandeira (figura 2).

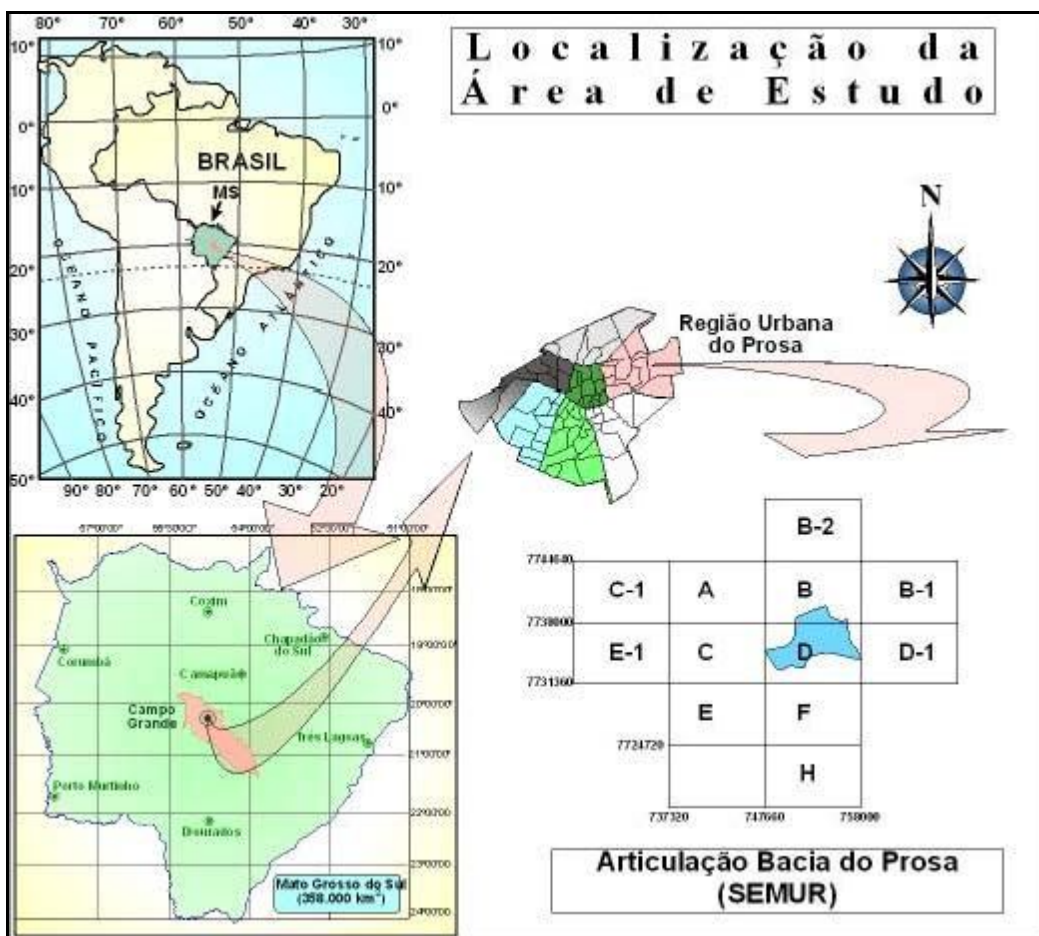


Figura: 2- Localização da Região e da Bacia Urbana do Prosa
Fonte: PLAURB, 1998

Organização e Adaptação: Anunciação, 2008

Seu polígono de entorno é formado a partir do cruzamento da Rua Joaquim Murtinho com a Rua Ceará; seguindo pela Rua Ceará até a Rua São Borja; seguindo por esta Rua até a Avenida Coronel Antonino; seguindo por esta Avenida até a Avenida Cônsul Assaf Trad; seguindo por esta Avenida até a BR-163. Seguindo por esta BR até a linha do Perímetro Urbano; seguindo por essa Linha em direção aos marcos 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13 até a BR-262; seguindo por esta BR até a Avenida Redentor; seguindo por esta Avenida até a Avenida Ministro João Arinos; seguindo por esta Avenida até a Rua Joaquim Murtinho; seguindo por esta Rua até o ponto de partida (MATO GROSSO DO SUL, 2005).

Segundo a Carta Geotécnica de Campo Grande (PLANURB, 1998) a Região Urbana do Prosa apresenta as seguintes características pedológicas e litológicas:

- Unidade Homogênea I – Localizada a oeste da região, nas proximidades dos córregos Sóter e Prosa, incluindo as áreas do seu entorno, e a leste, no entorno do Córrego Coqueiro. São áreas praticamente planas, com declividade variando entre 0 e 15% e curvas de nível distribuídas paralelamente ao leito do córrego, com baixa a média susceptibilidade a erosão e baixa a média permeabilidade do solo, caracterizando-se por solos argilosos e argilo-arenosos de textura média e argilosa, com basaltos e arenitos intertrapeanos da Formação Serra Geral.
- Unidade Homogênea II – Abrange boa parte da região, na porção leste, constituindo áreas praticamente planas e suavemente onduladas, com declividade variando de 0 a 8% e solos arenosos, cuja formação está associada aos arenitos da Formação Caiuá. Os terrenos apresentam alta susceptibilidade à erosão e alta permeabilidade do solo, o que leva a formação de ravinas e voçorocas, como se pode notar em várias áreas dispersas na região.

O histórico da ocupação desta Região Urbana atesta que na década de 1950, uma grande área, hoje correspondente à parcela do bairro Jardim Veraneio, foi loteada para chácaras destinadas ao uso rural. Na década posterior foi parcelada para fins urbanos uma grande área contígua a essas chácaras, o Jardim Noroeste que estava, na época, localizado em área extremamente longe da malha urbana, na saída para Três Lagoas, determinando o traçado do limite leste da cidade, até os dias de hoje. Paralelamente a abertura destes loteamentos, a RUP foi crescendo como extensão da Região Urbana do Centro, favorecida pela Av. Mato grosso e pela Av. Ceará, dois importantes eixos do tráfego viário (PLANURB, 1998).

A área agregada por esta região corresponde a 5.463,85ha, dos quais, em 1998 apenas 1.694,73 haviam sido parcelados, ou seja, aproximadamente 31,70% da área total compreendida, enquanto que 3.732,65ha, 68,30% da área permaneciam, não parcelado (PLANURB, 1998).

Caracteriza-se por possuir grande diversidade no parcelamento do solo. Nas áreas mais próximas ao centro e favorecidas pelas grandes vias de acesso ao mini anel rodoviário – Av. Ceará e Av. Coronel Antonino – o parcelamento do solo é destinado a fins urbanos, predominando o formato ortogonal com quadras regulares. Esta forma se altera em três bairros, Carandá Bosque, Chácara Cachoeira e Vivenda do Bosque, onde é encontrado um traçado mais orgânico com ruas curvas e quadras irregulares. No meio da Região e em direção leste, o parcelamento torna-se diferenciado, pois abriga um grande parque urbano – Parque das Nações indígenas e a Reserva Ecológica do Parque dos Poderes. No restante da área, contíguo ao Parque dos Poderes e direcionando-se no sentido leste encontra-se parcelamentos em chácaras, muitas delas com área de 5.000m² e dentro do perímetro urbano. As chácaras mais próximas ao perímetro urbano, hoje, estão sendo subdivididas para implementação de bairros e conjuntos residenciais (PLANURB, 1998).

A percepção ambiental dos produtores do espaço urbano na Região Prosa

Buscamos enfatizar a percepção do homem em áreas sujeitas às inundações sob efeito de um evento climático extremo. A unidade espacial de observação é a Região urbana do Prosa e a estratégia de investigação foi a entrevista, isso permitiu levantar inúmeras considerações que serão apresentadas a seguir.

A urbanização, nesta parcela da cidade que está sendo analisada, com todo o seu aparato de equipamentos e serviços, estendeu-se do centro para a periferia, assim uma parte desta Região Urbana possui infra estrutura completa, ao passo que outra parte apresenta espaços vazios, outros densamente construídos, áreas de preservação ambiental, conjuntos habitacionais, parcelas de espaços com indústrias de pequeno porte, áreas verticalizadas, enfim um espaço com características bastante heterogêneas, onde os agentes sociais produtores do espaço reorganizam e incorporam novas áreas num processo dinâmico, fato que vem revelar a afirmação de Corrêa (2000, p.11) “o espaço urbano é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo”. Nesta área em específico além dos proprietários fundiários e pessoas diversas, temos a intervenção do Estado neste mercado responsável pela produção de um espaço administrativo como por exemplo, o Parque dos Poderes, onde concentram-se as atividades político-jurídico- administrativas do Governo do Estado, é o “processo de coesão” (Corrêa, 2000, p.56), o movimento que leva as atividades se localizarem todas juntas.

De acordo com o resultado das entrevistas realizadas junto às comunidades locais da região Urbana do Prosa, em populações de diferentes faixas etárias e gênero, apontaram variações significativas na percepção dos indivíduos. Esse discurso muda em função do espaço ocupado, do uso que o indivíduo faz do lugar, além da ideologia que alimenta, da classe social a que pertence ou até mesmo do interesse que defende. No entanto em alguns pontos, sobretudo quando refere-se a pavimentação asfáltica, os depoimentos foram muito semelhantes.

Num primeiro momento, o interesse na entrevista foi de verificar a origem destas populações. Constatou-se que toda a população residente faz parte de uma onda de migração ou são filhos de migrantes, que abandonaram o campo e vieram em busca de melhores condições e qualidade de vida nas grandes cidades principalmente a partir da década de 1970. Fato extremamente explorado em inúmeros estudos científicos em todo país. A busca de prosperidade rápida, ou a vida difícil no campo juntamente com a procura por emprego e de melhores condições de vida, foram os pontos levantados pelos entrevistados como podem ser observados nos depoimentos descritos a seguir.

“Eu vim da região de Montes Claros Minas Gerais. Lá trabalhava com fazenda num negócio de família. Aí um irmão meu veio pra cá e comprou umas terras pro lado de Camapuã e me disse que estava barato, eu vai decidi vim vê e deu certo pra compra ali em Jaraguari. Hoje minha propriedade é tocada por um dos meus filhos que é agrônomo e meu neto que se formou recentemente. É o médico veterinário que a família tem. Eles toca um escritório aqui na cidade também. Eu aposentei e moro aqui com a patroa, lá na fazenda só vou quando pede pra leva alguma coisa, carne ou passeio mesmo.” (Morador do Bairro Carandá Bosque, 77 anos)

“Nóis morava no Sergipe, aí uns primo do meu pai escreveu que tinha um lugar chamado Campo Grande que estava bastante promissor, como lá trabalhava toda a família, pai mãe e mais 10 irmãos numa terra como meeiro nós mudamos todos, era ainda criança e eles veio morar pra cá procurando um emprego melhor, eu tive que acompanhar” (Morador do bairro Jardim Veraneio, 45 anos)

“Meus pais, eu e meu irmão, morávamos na região de Iviema. Lá eles trabalhavam de empregados numa fazenda, porém só meu pai tinha salário. Aí ele decidiu vir pra cá e trabalhar junto com meu tio. Os dois são autônomos, trabalham de pedreiros. Já minha mãe exerce a atividade de doméstica, eu de babá meu irmão numa farmácia como menor aprendiz. Todos com uma ocupação. Estudamos e vamos melhorar de vida se Deus quiser.” (moradora do bairro do Desbarrancado, 16 anos)

Quando solicitado aos entrevistados para relatar os problemas ou as desvantagens existentes em seu bairro, a problemática das inundações foi ressaltada apenas por uma pessoa e mesmo assim não foi considerado o mais

grave. De certa forma isso causou surpresa, no entanto, por outro lado muitas obras de contenção de enchentes, canalização de córregos continuam sendo implementadas na região pelo poder público municipal, o que pode ainda não ter cumprido seu papel, mas alimenta a esperança da população de ver a questão resolvida, como a cidade está em obra, sinal de um gestor público que trabalha no intuito de melhorar a qualidade de vida dos munícipes, fica a ilusão de “um prefeito que batalha” então não se toca na questão crucial de interesse da pesquisa. No entanto era um resultado possível de ser obtido uma vez que estas ações imperiosas do poder público sobre as condições naturais do sistema, desperta a ilusão na população que os problemas enfrentados deixarão de fazer parte, um dia, de seu cotidiano. Fica claro que a população não desenvolveu uma consciência sobre as inundações, não retendo na memória, num questionamento imediato, traços das impressões deixadas pelo ambiente.

Entre os problemas enfatizados pela população, as que se encontram num espaço dentro da Região Urbana Prosa com maior infra estrutura elegeram violência no trânsito e ressaltaram que é em virtude das vias de acesso rápido integrando a cidade, isso leva os motoristas a ter atitudes abusivas na velocidade, outros citaram a poluição sonora. Os moradores dos bairros dessa Região Urbana, desprovidos de infra estrutura, enunciaram problemas de qualidade socioambiental, de qualidade de vida. Muitos referiram-se à ausência de asfalto, reclamando do barro por ocasião das chuvas e poeira por ocasião do tempo seco enfatizando as doenças do sistema respiratório, tais como gripes e resfriados e em casos mais graves bronquites e pneumonias. Além desses, enumeraram também o tratamento ineficaz de esgoto, iluminação pública deficitária, assaltos, e o fato de estar assentado na periferia desta região o presídio de segurança máxima da capital.

Quando instigados a tecer considerações sobre as inundações, todos passaram a lembrar as inúmeras situações vivenciadas. Porém os moradores de maior poder aquisitivo do espaço em análise ressaltaram presenciar de suas casas congestionamento no trânsito na Via Parque. Uma moradora nas imediações do Shopping Center enfatizou:

“Quando percebo que vai chover muito, não saio de casa, adio meus compromissos, inclusive levar ou buscar meus filhos na escola...tenho muito medo... uma vez a enxurrada na Via Parque estava tão forte que meu carro foi levado pela correnteza. A tragédia só não foi maior porque ele encostou no meio fio e uma árvore e aí parou. Passados algum tempo o corpo de bombeiro atravessou o carro na pista cercando a água o que amenizou a correnteza e os carros puderam passar. Vivi momentos de pânico, não quero nem lembrar...”

Outra moradora relata:

“Nossa!.... enchente? nem me fale... faltando pouco pra chegar em casa, próximo ao Parque das Nações Indígenas a enxurrada atingiu o motor do meu carro e não funcionou mais, apavorada... mas tive que esperar o resgate.”

Um profissional liberal morador da região declara:

“Nossa... já fiquei sem vir em casa no horário de almoço ou a noite chegar bem mais tarde, ou até mesmo entrar mais tarde no trabalho, pois sei que nesta área o impasse é certo... então melhor não arriscar.”

Um funcionário do shopping lembra:

“Nos dias de chuva forte, chuva intensa, pode preparar... é só stress. O trânsito fica nervoso... carros encahados... buzinas...ônibus cheio...não anda.... todos com horário atrasado.”

Um comerciante antigo (23 anos de comércio) no centro ressalta: “1993 vi o córrego Prosa transbordar como tem ocorrido ultimamente... é preciso de uma boa limpeza para retirar a lama e lixo acumulado principalmente entre as ruas Sebastião Lima e José Antonio... pode ajuda a resolver o problema da vazão neste trecho do Prosa... além de fazer um rebaixamento do canal por onde a água escoa pois chove lá em cima (Carandá Bosque) e já enche tudo... Já vi a água aproximar da ponte, sem cair uma gota aqui... acho que é a pavimentação realizada nos últimos anos em alguns bairros localizados nas regiões mais altas da cidade que impede a água entrar no solo, e aí vem as inundações.”

Contrastando estes depoimentos os moradores de baixa renda na Região urbana do Prosa ressaltam aspectos relacionados às inundações, transbordamento dos córregos, fatores socioeconômicos e emocionais.

Uma moradora diz:

“Toda vez que começa a chover muito tenho medo de ter que sair da minha casa”.

Uma outra moradora enfatiza:

“Uma inundação destrói, o corgo transborda,demole tudo...uma vez o menino morreu bem ali... não sei se foi brincar na enxurrada ou se estava andando

escorregou e foi parar dentro do corgo coitadinho...”

Um homem ressalta:

“Começou a chover...chover...chover, ouvimos um barulho de um estrondo, vi que o muro arrebentou e a água entrou para o quintal numa velocidade.... entrou em casa... nada deu para erguer.... guarda roupa, sofá, fogão, malão tudo estragou....vi dias e dias trabalhados meu e da minha mulher indo embora em poucos minutos.”

Uma criança alerta:

“Quando começa a chover tenho medo de ficar sozinho em casa”.

Solicitados a relatar sobre a invasão de suas casas pela água, apenas um entrevistado ressaltou esse fato, os outros, disseram que o nível da água atingiu apenas o nível da rua ou o quintal.

Indagados a respeito de como percebiam a possibilidade da ocorrência de inundações, todos os entrevistados se referiram às observações diretas dos tipos de tempo. Eis algumas abordagens: “quando a chuva se prolonga por mais de dois dias..” outro entrevistado faz referência às nuvens stratos “quando o tempo de chuva está muito carregado... umas nuvens pesadas, escuras” outro, observa as chuvas torrenciais “quando tem nuvens pesadas escuras a chuva é rápida intensa e vira o caos” referências a previsão do tempo pelos meios de comunicação também foram levantadas “após um dia de chuva eu gosto de ficar escutando as informações do rádio, da televisão pra saber se vai continuar.”

A percepção do “tempo” foi revelada como algo objetivo para as pessoas entrevistadas. Posicionaram de forma consciente, relacionando os sinais emitidos pelo ambiente, uma observação direta dos tipos de tempo e as inundações.

Interrogados sobre o grau de conhecimento das medidas tomadas pelo poder público municipal, destinadas a minimizar ou conter os impactos negativos relacionados às inundações, foram encontrados índices bastante satisfatórios em todas as faixas etárias. Todos têm consciência das intervenções, a canalização dos córregos foi a mais citada, até a relocação das famílias que moravam próximas aos córregos foi mencionada.

Existe uma concordância entre os munícipes que as obras promovidas de contenção das enchentes é o melhor caminho adotado. Alguns fazem referências ao ex-prefeito André Puccinelli e atual governador estadual como o melhor gestor

público que a cidade de Campo Grande já obteve e estende os elogios ao sucessor dele na prefeitura, Nelson Trad Filho. Um morador do bairro Santa Fé exalta os dois personagens públicos dizendo: “O André e o Nelsinho são os melhores prefeitos que Campo Grande já conheceu.... Olha o que ele promoveu na nossa região... não só aqui mas na cidade como um todo.... Campo Grande está bonita, olha de fora...” , outro habitante do bairro Miguel Couto prorroga com a exaltação: “A atenção dada a Campo Grande foi implantada mesmo no tempo do André. Antes.... isso aqui era feio. Nessa região tinha mato o córrego aparecia ali em baixo cinzento... existia umas casas ali próximo tudo fora de padrão. Hoje não..... com o programa desfavelamento implantado aquelas pessoas foram removidas. Olha como isso aqui ficou bonito, valorizou mais o lugar.... essas vias de circulação. O córrego feio nem aparece... é um cartão postal da cidade.” Residente no bairro Jardim Giocondo Orsi, elogia os dois homens públicos atribuindo-lhes a gratidão pela valorização imobiliária do lugar “todos nós moradores daqui devemos muito ao André e o Nelsinho. Se hoje aqui é valorizado é em função das obras que fizeram nesta região. Um terreno medindo 12x30m que a 8 e 10 anos atrás neste lugar custava de entre 5, 8, 10 mil hoje é 150, 180, 200. Quem tinha terrenos aqui para especular já ficou milionário.” Os moradores dos bairros da Região Urbana Prosa desprovidos das ações dos gestores públicos também exalta os locais beneficiados bem como o nome dos dois políticos e reivindica as agressões ao meio físico urbano também para eles. Um morador do bairro Jardim Noroeste diz: “aquela parte de lá está muito bonita, muito gostosa de morar, nós também queremos asfalto... é barro...poeira...sujeira.... estamos cansados... eles estão fazendo... são muito bom... devagarinho chega aqui.”

Diante do exposto, os índices indicadores da consciência dos habitantes do local, em relação à incidência de inundações, pode-se enfatizar que, o evento inundações, pouco ressaltado pelos entrevistados, revela uma resposta à solução (aparente) da problemática em si realizada pelos gestores públicos e com isso, a não ocorrência das inundações na mesma magnitude desde que foram iniciadas as obras para contenção das enchentes, intervir nestas, por volta de 1996 e que continua até os dias de hoje. Isso fez com que outros problemas que acontecem no cotidiano das pessoas sobressaíssem em abordagem do que a temática de interesse da pesquisa, inundações.

Quando instigados os moradores a processar a lembrança da problemática das inundações, é notória a consciência dos mesmos em admitir

que não sente segurança total com relação a incidência dos acontecimentos. Isso fica claro quando em suas falas faz referência a necessidade de manutenção de limpeza dos sistemas de drenagem do local por parte dos órgãos competentes. Um morador do bairro Chácara Cachoeira enfatiza: “O poder público têm tomado medidas para melhorar os problemas causados em épocas de chuva forte... só que é necessário eles continuamente estar fazendo manutenção, como limpeza e etc.” Uma pessoa agente de saúde pública que atua na área analisada ressalta a necessidade de limpeza constante do local e até compara com a cidade São Paulo caso as ações não aconteça e comenta: “aqui não é encontrado problemas sérios como em outros locais da cidade.... só mais lá pro fundo..... ainda tem bairros com pessoas de grande dificuldade econômica... mas no geral vejo que nestes córregos ainda tem lixos jogados, isso vai estragar as tubulações colocada. Tem ações de limpeza como áquelas ‘gincanas verão sem dengue’ lembra né....no multirão de limpeza realizado pela SEMADES, SESOP e SESAU foram encontrados no leito do prosa garrafas pet, sacos plásticos, copos descartáveis, canos de PVC, pedaços de madeira, animais mortos entre outros itens..... e então ocorre a limpeza mas daí a pouco se voltar lá com certeza arrecada lixo de novo... e se não se preocupar com isso, nos dias de chuva forte aqui vai virar uma São Paulo.” Um estudante do curso de Arquitetura e morador da região também ressalta a necessidade da limpeza da área, alegando o risco de impactos relacionados a precipitações intensas voltarem a acontecer: “Todo esse processo vai mais além.... as melhorias aconteceram, o embelezamento da cidade aí está, os impactos relacionados com as chuvas não tem ocorrido mais como antes... muita coisa mudou e pra melhor, mas..... é necessário que as pessoas mantenham a consciência da preservação, manutenção do que aí está exposto, passa por uma questão de educação ambiental mesmo.”

É perceptível que os moradores tem consciência das ações realizadas pelos gestores públicos, ressaltam a possibilidade de reincidir os problemas, caso a manutenção de limpeza das obras realizadas não seja mantida. Afirmam conhecer as medidas tomadas para a contenção das cheias ou para a minimização de seus impactos, consideram que esta contribui para a melhoria da qualidade de vida das comunidades, medidas estas conhecidas e citadas por todos os entrevistados. No entanto, vale ressaltar a consciência que os mesmos demonstram com relação à possibilidade de novos eventos e apontam como solução um constante trabalho de manutenção da limpeza do sistema de drenagem local pelos órgãos públicos, que a população precisa ter consciência,

manter e zelar por estas ações principalmente aquelas que se localizam a montante da área.

A memória dos moradores com relação às inundações foi analisada a partir das variáveis que inferem aos anos nos quais ocorreram registros de eventos de grandes inundações. Com base na colocação dos entrevistados, revelaram memórias significativas a fatos ocorridos no espaço, porém a variável tempo não ficou expressa, as respostas com relação aos anos de ocorrência de eventos extremos não correspondeu a série anual representativa. A fala transcrita abaixo mostra a dificuldade de lembrança em termos de precisar com exatidão em termos temporais dos anos de ocorrência de um evento extremo: “olha meus parentes mesmo viveram situação difícil aqui em um ano.... eu lembro da TV, rádio noticiar casas atingidas pela chuva, carros encalhados na água principalmente nesta região nossa, escola sem aula, grande parte da cidade sem energia, árvores caídas, Defesa civil e secretaria de ação social retirando as pessoas para abrigo, mas..... não sei em que ano exatamente. Foi dezembro.... agora não sei se de 2005, 2006.... não lembro sinceramente.”

Os entrevistados revelaram a memória do fenômeno mas apresentou-se fragmentada em escalas temporais. Esse fator indica que as pessoas são mais sensíveis a impactos locais que atuam diretamente na desorganização do sistema ao seu entorno, porém o tempo de ocorrência é relevado em segundo plano.

Argüidos sobre os prejuízos advindos dos eventos climáticos extremos, os entrevistados consideraram que nas residências não aconteceu, só um ou outro caso muito isolado, pois “a água chega mais no quintal e as ruas transbordam” afirmam os entrevistados, apenas uma moradora ressaltou “a chuva de dezembro de 2005 entrou na minha casa, perdi guarda-roupa, estragou cama, geladeira. Recebi colchão e alimentos da prefeitura, mas como vou recuperar o que perdi? Eles some tudo... é só naqueles dia... depois...”, contudo muitos enfatizaram questões relacionados a saúde. Casos de micose, alergia, gripe e dengue. Uma moradora argumentou: “muitas pessoas pegaram micose nas unhas, a pele coçava tudo, principalmente as pernas, por causa da água, ocorreu muitos casos de dengue focos da doença... do mosquito aliás”, principalmente por causa da poeira que aumenta em virtude da lama deixada pelas águas, ao secar e com “a movimentação de carros, pessoas, o vento.... fica insuportável... Não sei te dizer o que é pior... se é durante ou depois da chuva” comenta uma moradora.

Com relação a questão de afetividade com o local, a maioria dos

entrevistados apresentam uma visão topofílica do lugar. Um senhor morador do bairro conjunto Residencial Nova Ipanema afirma “este lugar está muito valorizado, e bonito eu não mudo mais daqui” um morador do bairro Giocondo Orsi enfatiza “hoje em Campo Grande é um dos melhores lugar para morar... está valorizado... circulação rápida.... estamos longe da efervescência da vida da cidade, comércio, grande quantidade de pessoas circulando pela rua. O que preciso para o cotidiano como padaria por exemplo temos boas por aqui e ademais o Shopping está bem aí do lado. Sem contar a paisagem natural com estes parques, tenho visitas de pássaros, capivaras até macaco já vi.... conviemos na cidade com a paz de uma chácara” Um morador do jardim Noroeste salientou “os bons investimento está mais pra lá... bem mais... lá pelo shopping já. Lá sim tá bonito aqui não... estamos um pouco esquecidos, mas aqui comprei e ainda tô pagando... é minha vida... meu suor... tudo aqui... não tenho como mudar não... Jamais..... começar tudo de novo.” Uma senhora moradora no bairro Jardim Veraneio afirmou que “Não mudo desse lugar jamais... tudo que construí está aqui... foi muito difícil.. além dos conhecidos de muitos anos... aqui somos uns pelos outros.” Um jovem morador do bairro Jardim Noroeste salientou “olha não mudo porque pra se locomover está fácil... tem ônibus ou facilidade de consórcio para adquirir um meio de locomoção..... moto. Assim trabalha pra lá e a noite volta. Aqui ainda dá pra morar é barato comprar alguma coisa por aqui” Outro jovem morador no Loteamento Municipal Joaquim Eusébio salientou “olha aqui dá pra viver... é barato um terreno, porém ônibus é muito demorado pra ir ao centro... posso um dia mudar para outro lugar na cidade se as condições financeiras permitir e até mesmo para outra cidade, tendo proposta de trabalho e bom salário quem não quer?” Uma jovem moradora no Bairro Carandá Bosque enfatizou “olha aqui é bonito, bom de viver, valorizado... posso até lhe dizer um dos melhores lugar de se morar em Campo Grande hoje, pra quem pode. Seu poder aquisitivo determina onde você pode morar hoje aqui nesta cidade. A princípio mudaria jamais... amenos que recebesse uma boa proposta de emprego mas isso será pra outro estado e juro que procuraria um bairro semelhante.”

A relação de afetividade com o local, ficou extremamente perceptível entre as pessoas na faixa de idade dos 35 anos acima, principalmente aos 60 anos . Os pontos mais ressaltados foram o convívio e afetividade entre os moradores, a luta e a conquista por um espaço próprio para morar, e índices de urbanização, beleza e valorização imobiliária. Entre os jovens abaixo de 25 anos a relação de afetividade com o espaço apresentou em um nível menor, porém não pode ser considerado numa perspectiva topofóbica, a principal causa levantada é a oferta de um futuro profissional melhor em outro lugar.

Com intuito de saber qual a percepção dos gestores públicos, buscamos conversar com um profissional da engenharia civil , servidor público municipal e um vereador. Na visão do servidor público a problemática das inundações eram advindas das adversidades climáticas “a chuva forte era a principal causadora de todo o caos” . Ao passo que o vereador atribui a população e ao fenômeno climático “a população procuram cada lugar para morar e quando vem as chuvas fortes a situação só tende a agravar” .

O servidor público apresentou um interesse em se preservar o ambiente físico, afirmando que “no espaço urbano existe parcelas do solo que devem ser preservadas, outras podem ser utilizadas com plantações, outras ainda que pode ter construções e outras para preservação... é só respeitar” . Revelou preocupações com a população, embora não considerando-as numa hierarquia de análise como principal, e além disso um entrave “a população precisa morar, assim organiza o espaço para elas, depois o poder público é obrigado a levar a infra-estrutura porque reivindicam e assim só fazem os problemas e custos crescerem” considera também a classe política um obstáculo na resolução destes problemas e colaboradores para o crescimento dos mesmos ”quando o poder público procura resolver o impasse causado, ainda existe alguns políticos pelo meio com assistencialismo, fazendo lobby e etc. São um entrave... é um caso sério.” Por fim toca nas medidas adotadas “a melhor solução encontrada foi com o programa desfavelamento iniciado ainda na gestão do André remover a população das margens dos córregos direcionando-as aos locais destinado, criação dos loteamentos populares e canalizar os córregos para não correr o risco destas retornarem para seu local de origem.” Acrescenta “embora com muita resistência por parte de algumas ONG's e alguns políticos mas os projetos de contenção de enchentes e revitalização de áreas estão sendo construído isso deu uma nova roupagem a cidade... está bonita de ver e boa para se morar.” O político também elogia as obras e avalia como a única saída “Quem olha essa região hoje enxerga trabalho, competência uma preocupação com o cidadão em morar melhor.Tudo isso que foi feita e está sendo realizado aqui está servindo de modelo para outros gestores públicos municipais”.

A formação profissional/disciplinar dos gestores públicos,moldam suas posições mencionadas hora colocando a população em segundo plano, hora colocando a natureza . Dada a complexidade da temática, as intervenções nestes espaços devem ser buscadas através de diálogo com a comunidade, os diferentes profissionais e gerências municipais para estabelecer juntas qual a melhor gestão

urbana no espaço.

Considerações

O sítio urbano de Campo Grande é assentado sobre o divisor de águas da Bacia do Paraná e da Bacia do Paraguai. Diante disso, é possível afirmar que o uso e ocupação nos fundos de vales e adjacências e incorporação de novas áreas, fez com que a expansão direcionasse para as cotas mais altas, correspondendo as nascentes, alterando todo o sistema ambiental causando reflexos na inter-relação com o meio físico, biótico e social.

Essa transgressão nos vínculos de interdependência transforma o ecossistema local, e as nascentes como parte do sistema de drenagem, degenera todo o sistema fluvial.

A relação entre a ocupação urbana, com suas variações espaciais, comprova a necessidade urgente de um replanejamento dos usos, manutenção da vegetação arbórea remanescente nos interstícios desta parcela da mancha urbana e principalmente nas nascentes dos córregos e fomentada cada vez mais a implementação de outros espaços com tais características, mudando completamente o conceito usual e de praxe na cidade de Campo Grande sobre áreas verdes de lazer que tem se limitado á superfícies concentradas para prática de esporte. Além disso, promover a arborização das vias de circulação, nos canteiros centrais e laterais, para permitir sombreamento, evitar o rápido escoamento pluvial e elevar os índices de umidade.

Por fim, acredita-se que uma das formas de se prevenir contra os efeitos de curto, médio e longo prazos da variação associada ao clima sobre os sistemas hídricos na cidade de Campo Grande e contribuir verdadeiramente com a sociedade, é através de um planejamento que considere as reais possibilidades de mudanças e não meras especulações.

Referências Bibliográficas

ANUNCIÇÃO, V. S. da O clima urbano da cidade de Campo Grande/MS – Dissertação (Mestrado) UNESP, Presidente Prudente 2001.

ARRUDA, A. M. V. de. Parcelamento do solo urbano em Campo Grande: visão crítica e roteiro legal. Campo Grande : FAV/UNIDERP, 1997.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (ORG) Perspectivas Geográficas. São Paulo: DIFEL, 1982.

CAMPO GRANDE. Lei Municipal nº 2.567, de 08 de dezembro de 1988. Trata da Lei de Uso e Ocupação do solo do Município de Campo Grande-MS. Campo Grande: Prefeitura Municipal de Campo Grande, 1988.

_____. Lei Orgânica do Município de Campo Grande-MS. Campo Grande: Câmara Municipal de Campo Grande, 1990.

_____. Carta Geotécnica de Campo Grande. Prefeitura Municipal de Campo Grande. Secretaria Municipal do Planejamento. Unidade de Planejamento Urbano - PLANURB – 1991.

_____. Lei Municipal nº 3.107, de 20 de dezembro de 1994. Anexa gleba ao perímetro urbano do Município de campo grande: Prefeitura Municipal de Campo Grande, 1994.

_____. Lei municipal nº 3.183, de 22 de agosto de 1995. cria o Instituto Municipal de Planejamento urbano de Campo Grande – PLANURB, e dá outras providências. Campo Grande: PMCG, 1995.

_____. Lei Complementar nº 05, de 22 de novembro de 1995. Institui o Plano Diretor de Campo Grande-MS, e dá outras providências. Campo Grande: PMCG, 1995.

CORRÊA, E. L. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 2000.

HUSSERL, R. The crisis of european science and transcendent phenomenology. New York: Northwestern University Press, 1970.

LOMBARDO, M. A. Ilha de calor nas metrópoles: o exemplo de São Paulo . São Paulo: HUCITEC, 1985.

MACROZONEAMENTO GEOAMBIENTAL DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. Campo Grande: Secretaria de planejamento e Coordenação Geral de MS; SEPLAN, 1989.

MONTEIRO, C. A. F. Teoria e Clima Urbano. USP/Instituto de Geografia, São Paulo, 1976. (Série Teses e monografias, 25).

MONTEIRO, C. A. F. Clima e Excepcionalismo – conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico. Florianópolis, UFSC, 1991.

MONTEIRO, C. A. F. e MENDONÇA, F. Clima urbano: Teoria e a cidade brasileira. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, J. dos. Os caminhos do lixo em Campo Grande: disposição dos resíduos sólidos na organização do espaço urbano. Campo Grande: UCDB, 2000. 109p.

SPOSITO, M. E. B. Capitalismo e urbanização. 3 ed São Paulo: Contexto, 1991.

TUAN, Y. F. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo, DIFEL, 1ª ed. Trad. Livia de Oliveira, 1980.

WHITE, G. F. (ed) Natural Hazards (local, national, global). New York, Oxford University Press USA, 1974.

VARGAS, H. C. e RIBEIRO H. (orgs) novos instrumentos de gestão ambiental urbana. São Paulo Edusp 2006 160 p.

ZAVATINI, J. A. A dinâmica atmosférica e a distribuição das chuvas no Mato Grosso do Sul. Tese (Doutorado) - USP/FFLCH São Paulo, 1990.